

A CONTEMPORANEIDADE DO OULIPO¹

Jacques Fux (UNICAMP)²
Darlan Roberto dos Santos (FASAR/CL)³

Resumo: Este artigo tem como objetivo mostrar os diversos momentos da história do OULIPO, seus principais membros e como este grupo se comporta atualmente, face às suas propostas iniciais. No decorrer do texto, evidencia-se a trajetória do OULIPO, passando pela consolidação do grupo e aplicação sistemática e consciente da matemática como estrutura básica de suas contraindicações. Também faz parte do presente trabalho, breve análise da obra de três célebres oulipianos – Ítalo Calvino, Jacques Roubaud e Georges Perec –, além da abordagem sobre o OULIPO lúdico na contemporaneidade.

Palavras-chave: Oulipo; História; Matemática; Literatura.

Segundo Jacques Derrida: “um texto só é um texto se ele oculta ao primeiro olhar, ao primeiro encontro, a lei de sua composição e a regra de seu jogo. Um texto permanece, aliás, sempre imperceptível. A lei e a regra não se abrigam no inacessível de um segredo, simplesmente elas nunca se entregam, no presente, a nada que se possa nomear rigorosamente na percepção”⁴ (Derrida 1991: 7). Em 1960 o OULIPO – *Ouvroir de Littérature Potentielle* – levou ao extremo essa proposta de Derrida através da composição de textos baseados em restrições e regras. Em 2011 o OULIPO celebrou seus 50 anos de atividades e encontros mensais. Marcado por uma proposta de refundação da literatura, vários escritores e matemáticos fizeram (ou fazem) parte deste grupo, sendo que os mais conhecidos são: Raymond Queneau, Georges Perec, Ítalo Calvino, Jacques Roubaud, Marcel Duchamps. Porém, ao longo desses 50 anos

¹ Este artigo contém partes e citações da tese “A matemática em Jorge Luis Borges e Georges Perec: um estudo comparativo” (2010) de autoria de Jacques Fux, autor deste presente trabalho. Apesar de se basear nessa tese, este artigo apresenta e propõe uma abordagem diferente do Oulipo, mostrando as diferentes fases e propósitos literários desde sua criação até o ano de 2010.

² Pós-doutorando em Teoria Literária – Unicamp. Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pela *Université Charles-de-Gaulle- Lille 3*. Agradeço ao CNPq pela bolsa de pós-doutorado e ao Márcio Seligmann-Silva pela supervisão. E-mail: jacfux@gmail.com.

³ Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor da Faculdade Santa Rita (FASAR/CL). E-mail: fenixdr@gmail.com.

⁴ Todas as traduções desse artigo são de nossa autoria.

de existência, três diferentes momentos podem ser identificados. Neste artigo pretendemos apresentar esses momentos concentrando-nos, sobretudo, nos seus últimos 25 anos de existência que fazem parte do período de maior produtividade e criação singular do grupo.

A criação do OULIPO pode ser vista como resposta à contingência proposta pelo grupo surrealista. Raymond Queneau, antigo participante do Surrealismo, teve uma divergência com André Breton, o que resultou em seu afastamento do grupo. A partir desse momento, e juntamente com François Le Lionnais, propõe a criação de um grupo que trabalhe com literatura a partir de restrições (*contraintes*⁵), previamente pensadas. Esse primeiro momento é marcado pela produção de manifestos e pela consolidação teórica da proposta do grupo.

Em seguida, com a entrada de Georges Perec, Italo Calvino e Jacques Roubaud, o grupo se popularizou e entrou em segunda e produtiva fase. Perec foi um dos principais difusores do grupo, escrevendo textos e livros com muitas *contraintes*. Sua paixão pela estrutura, pelos lipogramas, palíndromos, *carrés* e jogos vinculou seu nome ao OULIPO, e sua obra, à *contrainte*. Calvino também escreveu algumas obras, discutindo e aplicando as restrições impostas pelo OULIPO.

Já Jacques Roubaud, matemático profissional, produziu e produz muitos trabalhos com grande suporte matemático. A partir de conceitos e problemas mais elaborados no campo da álgebra, Roubaud propõe um resgate aos manifestos e axiomas básicos da criação do OULIPO. Preocupado com o período estritamente lúdico após o desaparecimento de Perec e Calvino, Roubaud, juntamente com outro matemático membro do OULIPO, Olivier Salon, passou a convidar novos matemáticos e escritores a retomarem as diretrizes iniciais do grupo. Assim temos uma nova fase de resgate do OULIPO, a partir de 2009, com a entrada da matemática profissional e escritora Michèle Audin.

A criação, propostas e manifestos do OULIPO

Questionar a visão mítica de “poeta inspirado”, de “inspiração”, herdada dos românticos e utilizada como base pelos surrealistas, é o fundamento principal do grupo. “Só há literatura voluntária” (Queneau *apud* Le Tellier 2006: 8), afirma Queneau. Interessam ao OULIPO: a estrutura composta rigidamente, a pesquisa da presença dessa estrutura em obras anteriores e a criação e proposição de novas estruturas e possibilidades literárias. O OULIPO é um grupo “ludicamente sério ou seriamente lúdico” (Joly 2004: 845), já que trabalha com restrições e problemas que questionam a todo momento as possibilidades e potencialidades da literatura.

⁵ Uma *contrainte* pode ser entendida como uma restrição inicial imposta à escrita de um texto ou livro, sendo as mais básicas de caráter linguístico. Existem, porém, outras restrições artificiais, que podem ser de caráter matemático. François Le Lionnais era matemático profissional e Raymond Queneau era matemático amador; por isso a escolha dessas *contraintes* de natureza matemática.

A partir de restrições e estruturas bem definidas e acordadas anteriormente, o OULIPO pretende potencializar o desenvolvimento de seus trabalhos, não os limitando como poderíamos supor em um primeiro instante. De acordo com Queneau:

Uma outra ideia muitíssimo falsa que mesmo assim circula atualmente é a equivalência que se estabelece entre inspiração, exploração do subconsciente e libertação; entre acaso, automatismo e liberdade. Ora, essa inspiração que consiste em obedecer cegamente a qualquer impulso é na realidade uma escravidão. O clássico que escreve a sua tragédia observando um certo número de regras que conhece é mais livre que o poeta que escreve aquilo que lhe passa pela cabeça e é escravo de outras regras que ignora (Queneau *apud* Calvino 1993: 261).

A questão da combinatória matemática é essencial para Raymond Queneau já que a potencialidade, nessa perspectiva, é incerteza, mas não falta de precisão. Assim instaura-se a concepção inicial do grupo e sua ruptura com o Surrealismo. A partir de regras e restrições, sabe-se perfeitamente bem o que pode acontecer, mas não se sabe quando.

Além de Queneau, François Le Lionnais foi responsável pela criação e difusão dos conceitos e estruturas básicas do grupo através de seus manifestos. Em seu primeiro manifesto, chamado LA LIPO, Le Lionnais nos convida a procurar em qualquer dicionário as palavras *literatura potencial* (OULIPO 1973: 15). Fatalmente, não encontraríamos nenhuma referência ao termo antes da formação do grupo. Um dos principais argumentos do OULIPO é considerar que temos *contraintes* inatas, seja qual for a natureza dos nossos escritos, dentre os quais as mais básicas são as *contraintes* de vocabulário, gramática e versificação. Assim François Le Lionnais nos pergunta o porquê de não utilizarmos e criarmos, então, novas *contraintes*, e imaginar novas fórmulas e conceitos, enfim, uma nova “potencialidade” para a literatura. Nasce neste momento o OULIPO, com o objetivo explícito de aplicar sistematicamente e cientificamente algumas *contraintes* - matemáticas - para a criação e desenvolvimento literário.

Segundo Le Lionnais, a utilização da matemática, mais especificamente, das estruturas abstratas e axiomáticas da matemática contemporânea, permite uma grande possibilidade de exploração. Um novo mundo se abre, tanto para o autor quanto para o receptor. Da álgebra, podem ser utilizados conceitos de leis de composição; da Topologia, conceitos de textos abertos e fechados; da Teoria dos Números, a combinatória. Podem ser ainda utilizadas algumas linguagens computacionais e jogos matemático-literários.

Em seus manifestos, Le Lionnais explica as duas linhas de pesquisa do grupo, a elas atribuindo os nomes de *anoulipisme* e *synthoulipisme*, indicativos das perspectivas analíticas e sintéticas de produção do grupo:

Podemos distinguir, nas pesquisas que pretende começar o *Ouvroir*, duas tendências principais, torneadas respectivamente, acerca da Análise e da Síntese. A tendência analítica trabalha sobre as obras do passado, a fim de pesquisar as possibilidades que ultrapassaram frequentemente essas possibilidades que os autores tinham assumido. É, por exemplo, o caso do centon que poderia, me parece, ser revigorado por algumas considerações tiradas da teoria das Cadeias de Markov. A tendência sintética é mais ambiciosa; ela constitui a vocação essencial do Oulipo. Trata-se de propor novas vias desconhecidas dos nossos predecessores. É, por exemplo, o caso do *Cent mille milliards de poèmes* ou dos *haicais booléens* (Le Lionnais *apud* OULIPO 1973: 16).

Apesar de serem escritores que se encontram no centro da cultura e da literatura ocidentais, propõem a leitura de obras literárias da “periferia” e marginais. Essa periferia pode ser entendida e encontrada no caráter analítico do OULIPO, que se propõe a buscar e pesquisar, nas obras do passado, possibilidades e potencialidades não pensadas, a priori, pelos autores. O caráter sintético, aquele que busca criar novas formas de escrita com restrições, só é possível através da exploração e do esgotamento do caráter analítico, já que para descobrir novas vias é necessário não repetir o caminho percorrido pelos predecessores. Logo, a busca e a leitura de obras literárias da “periferia”, inicialmente, se faz necessária e obrigatória para atingir a escrita potencial, proposta pelo grupo, uma vez que é necessário saber o que é realmente novo e diferente. Assim, nas palavras de Jacques Bens, é necessário conhecer o presente e o passado, para potencializar o futuro: “para atingir o potencial (o futuro) é necessário partir do que existe (o presente)” (Bens *apud* OULIPO 1973: 32).

Assim novos conceitos e proposições literárias surgem na criação deste grupo. Nesta primeira fase percebemos que o projeto tem suporte matemático (principalmente da análise combinatória) e é bem estruturado através dos axiomas e manifestos. Por ser uma inovação, chamou muito a atenção de importantes autores, iniciando assim um segundo momento histórico e bem mais produtivo. Apresentamos, em seguida, alguns importantes membros, as estruturas e jogos trabalhados na *época de ouro* do OULIPO.

Inovações de Calvino, Roubaud e Perec: a *época de ouro*

Diante da nova possibilidade, da escrita conjunta e do reconhecimento de estruturas e restrições que já haviam pensado anteriormente, Jacques Roubaud, Georges Perec e Italo Calvino, entre outros, se juntam ao OULIPO e começam a produzir inúmeros trabalhos.

Calvino

Calvino entra oficialmente no OULIPO em 1973 compondo alguns livros a partir de *contraintes* pré-concebidas. Mas, mesmo antes de sua entrada, já escrevia na mesma linha proposta pelo OULIPO. Por exemplo, o livro *Se um viajante numa noite de inverno* (1999a) pode ser lido como um hiper-romance que constrói sua narrativa seguindo um modelo previamente determinado, apresentado posteriormente pelo próprio autor nas obras conjuntas do OULIPO (1973).

No artigo "How I wrote one of my books" (OULIPO 1995) Calvino apresenta a construção do seu livro, as relações estabelecidas entre os personagens de cada capítulo além da estrutura geral do livro. Em *O castelo dos destinos cruzados* (1994), constrói uma máquina narrativa literária segundo os moldes do OULIPO: "a ideia de utilizar o tarô como uma máquina narrativa combinatória me veio de Paolo Fabbri [...] o significado de cada carta depende de como ela se coloca em relação às outras cartas que a precedem e as que a procedem; partindo dessa ideia, procedi de maneira autônoma segundo as exigências do meu texto" (Calvino *apud* OULIPO 1981: 383-4). Calvino "compartilhava com o OULIPO muitas ideias e predileções: a importância das *contraintes* nas obras literárias, a aplicação meticulosa de regras de jogos estritos, o retorno aos procedimentos combinatórios, a criação de novas obras utilizando materiais já existentes" (Calvino *apud* OULIPO 1981: 384). Em *As cósmicas* (1992), o nome do personagem principal, *Qfwfq*, é um palíndromo, restrição bem conhecida pelo grupo. Neste livro, podemos vislumbrar conceitos e modelos físicos e matemáticos já que, a partir de conjecturas e leis físicas, o personagem palindromático recorda momentos marcantes de sua evolução juntamente com as dos *universos*. Jacques Jouet escreve sobre alguns livros de Calvino:

Qfwfq é um bom exemplo da invenção axiomática de Calvino. Um personagem interessante, um personagem revelador será um personagem forçado, no sentido em que a *contrainte* que se exerce sobre ele parece, à primeira vista, uma deficiência, uma limitação de possibilidades, mas paradoxalmente se revela fecundo de, pela energia necessária, compensar a sua deficiência ele mesmo. É a criança num mundo adulto em *A trilha dos ninhos de aranha*, e as duas meias porções do *Visconde partido ao meio*, a inexistência mesmo do *Cavaleiro inexistente* ou a limitação voluntária em nível territorial do *Barão nas árvores*. Acontece que esses personagens impedidos são reveladores das causas de todo impedimento ou de toda tragédia. O Visconde (na sua parte boa) se recorda de sua antiga condição, diz: "Eu era inteiro, eu não compreendia" (Jouet 1997: 815).

Em *As cidades invisíveis* (1990a), *O castelo dos destinos cruzados* (1994) e *Se um viajante numa noite de inverno* Calvino faz uso explícito das restrições para compô-los. Por exemplo, em *As cidades invisíveis*, a *contrainte* está na construção, estrutura e nas relações entre os capítulos. Nos outros dois livros, essas *contraintes* são melhor desenvolvidas e muito mais difíceis de se identificar e se trabalhar. O próprio

Calvino argumenta que se perdeu ao longo de todas as restrições impostas por ele próprio n' *O castelo dos destinos cruzados*.

Neste livro, forma, leitura e escrita aparecem como movimentos intercambiáveis de um mesmo jogo narrativo e literário. A obra resultante passa a ser uma produção colaborativa entre autor e leitor. Aqui Calvino utiliza a proposta de Queneau: a análise combinatória como restrição no baralho de tarô. O autor utiliza essa estrutura criada como elemento propiciador da discussão, como mote para o jogo reflexivo sobre leitura e escrita (Moreira e Fux 2010).

Para Calvino, alguns autores trabalham melhor diante de obstáculos do que se não os enfrentassem. Ele constrói, assim, sua visão e sua literatura, criando livros e discutindo essa criação sob *contraintes*, ao mesmo tempo em que produz obras sem os utilizar consciente ou explicitamente.

Roubaud

Jacques Roubaud, por sua vez, entra no OULIPO em 1966, convidado por Raymond Queneau, já vislumbrando uma nova fase da literatura potencial. Nos encontros mensais do OULIPO, nos quais os membros apresentam textos, livros e notas utilizando a *contrainte* proposta, o matemático profissional, escritor e poeta sempre participa compondo algo de consistência e coerência estruturalmente matemáticas, principalmente encontradas no campo da álgebra.

Nos primórdios do OULIPO escreve o célebre artigo "La mathématique dans le méthode de Raymond Queneau" (OULIPO 1973), onde relaciona um sistema axiomático com a literatura, além de resgatar e fazer referência aos axiomas *básicos* de Euclides.

Proposição 1: Ser matemático, para Queneau, é ser leitor de matemática.

Proposição 2: Ser matemático, para Queneau, é ser amador em matemática.

Proposição 3: O domínio privilegiado de Queneau, produtor de matemática, é a combinatória. Mais precisamente: a) particularmente a combinatória de números naturais e inteiros. b) não os problemas de enumeração mas aqueles de origem recursiva de sequências por procedimentos finitos, simples onde a aplicação gera a complexidade.

Proposição 4: Essa combinatória se inscreve em uma tradição ocidental muito antiga, quase tão velha quanto a matemática ocidental.

Proposição 5: A natureza das frases é incompleta e a combinatória de suas construções é mais da ordem do intrincado que da concatenação, a substituição e a permutação de elementos que não podem ser separados.

Proposição 6: Se comportar lado a lado com a linguagem, como se ela fosse matematizável; e a linguagem é, cada vez mais, matematizável numa direção específica.

Proposição 7: A linguagem, se manipulada por um matemático, o é pois é matematizável. Ela é, portanto, discreta (fragmentar), não aleatória (disfarçadamente contínua), sem marcas topológicas, controlada em pedaços.

Conjectura 1: A aritmética que se ocupa da linguagem produz textos.

- Conjectura 2: A linguagem que produz texto produz a aritmética.
 Proposição 8: O trabalho do oulipiano é ingênuo.
 Proposição 9: O trabalho do oulipiano é divertido.
 Proposição 10: O trabalho do oulipiano é artesanal
 Proposição 11: Os oulipianos, em seus trabalhos, sejam eles matemáticos ou não, ou ainda “e não”, satisfazem geralmente às condições das proposições 8, 9 e 10.
 Proposição 12: Uma boa *contrainte* oulipiano é um *contrainte* simples.
 Axioma: O *contrainte* é um princípio, não um meio.
 Proposição 13: O trabalho oulipiano é anti-acaso.
 Proposição 14: Uma *contrainte* é um axioma de um texto.
 Proposição 15: A escritura sob *contrainte* oulipiana é o equivalente literário de um texto matemático formalizado segundo o método axiomático.
 Proposição 16: A *contrainte* ideal só produz um texto.
 Proposição 17: Não há mais regras desde que elas tenham sobrevivido ao valor.
 Proposição 18: A matemática repara a ruína de regras (OULIPO 1981: 42).

O Axioma é o fundamento, a estrutura e o começo da criação de qualquer sistema lógico. Ele pode ser questionado, mas não é demonstrado; partindo dele, construímos as Proposições (ou Teoremas), que podem ser demonstradas a partir desses axiomas iniciais. As Conjecturas, pelo próprio nome, são suposições e hipóteses das quais ainda não se consegue provar nem a veracidade nem a falsidade. Para provar que uma conjectura é verdadeira, é necessário provar que ela vale para todos os elementos desse conjunto, e para prová-la falsa é necessário encontrar somente um contraexemplo. Se verdadeira, a conjectura torna-se um teorema, se falsa, não é nunca mais lembrada ou referida.

Neste momento oulipiano, o sistema e a estrutura são bem delineados. Roubaud, como um verdadeiro matemático, fundamenta a estrutura que irá trabalhar ao longo de sua produção literária. Nesta fase, pode-se perceber a diferença na utilização das restrições matemáticas pelos membros do OULIPO. Roubaud, conhecedor profundo e profissional, compõe seus textos fundamentados numa base matemática sólida. Perec e Calvino, amadores da matemática, esgotam as possibilidades matemáticas conhecidas por eles. É importante ressaltar que neste instante a matemática, apesar das diferentes abordagens, é um assunto seriamente lúdico.

O livro *La Princesse Hoppy ou le conte du Labrador* (2009), composto por Roubaud, apresenta uma estrutura matemática bem complexa. Narra a história de uma princesa, cujo nome faz referência à tribo indiana Hopi, e seus tios Eleonor, Aligoté, Babyllas e Imogène, que passam o tempo fazendo complôs uns contra os outros. As mulheres, ao mesmo tempo, *compotam*,⁶ já que nunca estão presentes nos complôs dos homens. A princesa tem um labrador e fala uma espécie de francês que

⁶ Do verbo em francês, *comploter*, que é fazer complôs, e *compotent*, que brinca com o fato de fazer o doce em compota.

utiliza a *contrainte Ulcérations*, inventada por Perec, que consiste em recorrer somente às onze letras mais utilizadas na língua francesa: E S A R T I N U L O C. O texto é construído todo de acordo com um *grupo algébrico* de quatro elementos e uma relação matemática: *comploter*. Logo temos, por exemplo, quatro reis, quatro rainhas e as relações associativas e comutativas algébricas: $A*B = B*A$ e $A*(B*C) = (A*B)*C$. Bem estruturado e tentando combater a contingência, o livro tem 153 parágrafos, o que corresponde à soma dos 17 primeiros números naturais (em referência ao livro de Queneau, *Le Chiendent*, que foi composto por 91 itens que representam a soma dos 13 primeiros números naturais) e pode ser lido também como uma história de álgebra que propõe 79 questões a serem respondidas. Assim é a regra de Saint Benoit a respeito dos complôs:

Sejam três reis entre quatro: o primeiro rei, o segundo rei, o terceiro rei. O primeiro rei é não importa qual rei, o segundo rei é não importa qual rei (“o segundo rei pode ser o mesmo que o primeiro”, interrompeu Eleonor, “claro”, disse Uther), o terceiro rei é não importa qual rei. Então, o rei contra quem faz complô o primeiro rei quando ele visita o rei contra quem faz complô o segundo rei quando ele visita ao terceiro deve ser o mesmo rei precisamente contra quem faz complô o rei contra quem faz complô o primeiro rei quando visita o segundo, quando ele visita o terceiro. O.K., disse Uther, mas não é tudo. Quando um rei visitará um outro rei, eles farão complô sempre contra o mesmo rei. E se dois reis distintos visitam a um mesmo terceiro, o primeiro não fará complô jamais contra o mesmo rei que o segundo. Contra todo rei, enfim, farão complô ao menos uma vez ao ano na sala de cada um dos reis. Eu disse (disse Uther) O.K.? O.K., disse Uther e morreu (Roubaud *apud* OULIPO 1987: 23).

Dessa forma, Roubaud constrói o livro e, como numa construção matemática, explica detalhadamente as regras de complôs a fim de tentar evitar contradições e problemas internos ao sistema. Em “*Indications sur ce que dit le conte*” (OULIPO 1987: 28), Jacques Roubaud oferece mais regras e explicações, transpondo alguns conceitos da álgebra para a ficção literária. Ele utiliza conceitos algébricos e aritméticos para compor seus livros: nos poemas, utiliza os números como novas formas de métrica; nas prosas, escreve sobre a matemática utilizando os próprios conceitos matemáticos para criar seus textos.

Roubaud inventou novas estruturas e potencializou a literatura. Ainda hoje produz textos com fundamentos matemáticos, o que destoa um pouco com os novos participantes e com as concepções iniciais do grupo.

Perec

Perec, por sua vez, entra oficialmente no grupo em 1967, quando já conhecia bem todos os *acordos* e estruturas do OULIPO. A partir do momento de sua união ao grupo, Perec se vê imerso em um mar de potencialidades e estruturas para explorar e trabalhar em seus livros. Ao se tornar membro do OULIPO, Perec esgota as inúmeras

possibilidades de se trabalhar com restrições. Assim muitos de seus escritos utilizam palíndromos,⁷ lipogramas,⁸ xadrez, GO,⁹ lógica, anagramas.¹⁰ Por exemplo, escreve um livro inteiro sem o uso da letra *e*: *La disparition*, seu lipograma mais conhecido. Cria o maior palíndromo conhecido na época, composto de cinco mil palavras, "Palindrome" (Perec 1973: 97-102).

No mesmo dia em que morre seu amigo e um dos criadores do OULIPO, Raymond Queneau, Georges Perec começa a escrever seu grande livro: *A vida modo de usar* (1989). Segundo Italo Calvino esse livro é:

O último verdadeiro acontecimento na história do romance. E isto por vários motivos: o incomensurável do projeto nada obstante realizado; a novidade do estilo literário; o compêndio de uma tradição narrativa e a suma enciclopédica de saberes que dão forma a uma imagem do mundo; o sentido do hoje que igualmente feito com acumulações do passado e com a vertigem do vácuo; a contínua simultaneidade de ironia e angústia; em suma, a maneira pela qual a busca de um projeto estrutural e o imponderável da poesia se tornam uma só coisa (Calvino 1990b: 135).

De grande complexidade, repleto de enigmas, jogos e construído sob *contraintes*, o livro trata de diversas histórias de moradores de um mesmo prédio situado à *11 Rue Simon-Crubellier*. Com o intuito de esgotar todas as possibilidades estruturais e matemáticas conhecidas por ele, Perec constrói *romances* de quase 600 páginas. O enredo gira em torno de três personagens principais e complexos: o excêntrico e rico Percy Bartlhebooth, o artista Gaspard Winckler e o pintor Serge Valène. Assim é apresentado um dos projetos centrais do livro:

Durante dez anos, de 1925 a 1935, Bartlebooth se iniciaria na arte da aquarela. Durante vinte anos, de 1935 a 1955, percorreria o mundo, pintando, à razão de uma aquarela a cada quinze dias, quinhentas marinhas do mesmo tamanho, as quais representariam portos marítimos. Ao terminar cada uma dessas marinhas, ela seria enviada a um artista especializado (Gaspard Winckler), que a colaria sobre finíssima placa de madeira e a recortaria num puzzle de setecentas e cinquenta peças.

Durante vinte anos, de 1955 a 1975, Bartlhebooth, de volta à França, reconstituiria, na mesma ordem, os puzzles assim preparados, à razão, novamente, de um a cada quinze dias. À medida que os puzzles fossem reorganizados, as marinhas seriam "retexturadas", de modo que se pudesse descolá-las de seus suportes, transportá-las para os próprios locais onde - vinte anos antes - haviam sido pintadas e ali mergulhá-las numa solução

⁷ Um texto de tamanho indeterminado, cujas letras podem ser lidas da direita para esquerda ou ao contrário, como se vê em "AMOR - ROMA".

⁸ Um texto que exclui uma ou mais letras do alfabeto.

⁹ Jogo chinês conhecido por sua complexidade e pelo grande número de combinações possíveis.

¹⁰ Transposição de letras de palavras ou de frases, a partir da qual uma nova palavra ou frase é formada.

detergente da qual saísse apenas uma folha de papel Whatman, intacta e virgem (Perc 1989: 577).

Bartlebooth, um dos principais personagens do livro, alude a dois outros personagens literários: Bartleby, de Herman Melville, o homem da imobilidade que não deseja nada, que *prefere não fazer*; e Barnabooth, de Valèry Larbaud, o homem da viagem, que tem desejos errantes. Referenciar personagens literários é uma das muitas restrições impostas por Perc. Bartlebooth é um homem de grande riqueza e de indiferença face ao mundo, fazendo jus ao seu nome literário. Ele se propõe a elaborar um projeto de perfeição circular e ridículo. Pretende viajar bastante, registrar tudo o que puder e perceber e destruir todos os traços dessa grande e inútil jornada. Assim é descrito o projeto:

Então Bartlebooth é Bartleby porque ele é completamente desesperado que está além do desespero. Ele é também Barnabooth, o bilionário, que quer organizar sua vida como uma obra de arte. A conjunção dos dois compõe um personagem que utilizaria toda sua vida, toda sua energia e toda sua fortuna para alcançar um resultado nulo. O projeto de Bartlebooth: aprender a pintar aquarelas, pintar as aquarelas, tê-las cortadas em puzzles por um artesão e, enfim, reconstruí-las. É perfeitamente louco e inútil. E é para mim a mesma imagem de escrever. Um esforço gigantesco por uma coisa que, uma vez terminado o livro, se evade completamente (Perc 2003: 82).

O projeto rigoroso e bem estruturado d'*A vida modo de usar* parte da exploração de três principais estruturas matemáticas: *Bicarré latin orthogonal*¹¹ d'ordre 10, *la polygraphie du cavalier*¹² e *la pseudo-queenine*¹³ d'ordre 10. A construção lógica e definida sob regras nos remete ao teor axiomático da matemática, referência aos fundamentos estruturais restritivos do OULIPO. Mas Perc, com toda sua genialidade e humor, ludibria e engana o leitor. Duas restrições impostas por ele são responsáveis pela *trapaça*: a *contrainte falta* e a *contrainte falsa*. Assim seu livro é estruturado para não realizar o projeto a que se propõe – o de controlar todas as possibilidades de escrita e leitura. O projeto falha:

É o dia 23 de junho de 1975, e vão dar oito horas da noite. Sentado diante do puzzle, Bartlebooth acaba de morrer. Sobre a toalha da mesa, em algum lugar do céu crepuscular do quadringentésimo trigésimo nono puzzle, o vazio negro da única peça ainda não encaixada desenha a silhueta quase perfeita de um X. Mas a peça que o morto segura entre os dedos, já de há muito prevista em sua própria ironia, tem a forma de um W (Perc 1989: 578).

¹¹ *Bicarré latin orthogonal* de ordem n é a figura com $n \times n$ quadrados preenchidos com n diferentes letras e n diferentes números, cada quadrado contendo uma letra e um número. Cada letra aparece somente uma vez em cada linha e em cada coluna, assim como cada número.

¹² Consiste em mover as peças do xadrez da forma como o "cavalo" se move. Há várias formas de se fazer isso, "varrendo" todo o tabuleiro, e por isso utiliza-se o estudo combinatório.

¹³ A ação de trocar a ordem de um determinado conjunto de coisas linearmente arranjadas.

Calvino, Roubaud e Perec trabalham com estruturas matemáticas e discutem a todo o momento as inúmeras possibilidades e potencialidades que as restrições permitem. Neste segundo momento do OULIPO, há uma grande produção literária inovadora e importante. Aqui aparece verdadeiramente a utilização da matemática como *contrainte*, seja ela básica como nas obras de Perec e Calvino, seja ela bem mais profunda e trabalhada como nas obras de Roubaud. Consideramos que, posteriormente, essas inovações vão se perdendo e as novas restrições se tornam somente lúdicas, contrariando as diretrizes e os manifestos iniciais do OULIPO.

O OULIPO lúdico na atualidade

Em 2009, o OULIPO publica sua nova antologia, que recebe o nome de *Anthologie de l'OuLiPo* (2009). Além dos encontros mensais, que atualmente acontecem na Biblioteca Nacional (BNF), e das apresentações públicas, quando são convidados para algum evento ou participação em ateliês de escrita, existe um encontro privado, do qual só os membros e alguns convidados do grupo participam. Eles se encontram para discutir, propor e criar novas *contraintes*. Nas palavras de Paul Fournel:

Desde quase cinquenta anos que os oulipianos se reúnem fielmente a cada mês para almoçar ou jantar. No início de cada sessão, é atribuída uma *ordem do dia* que recebe a rubrica de *criação*. Se adviesse um dia que essa rubrica permanecesse vazia, a reunião seria anulada. Isso nunca aconteceu. Desde cinquenta anos, cada mês, um oulipiano ao menos traz uma criação à mesa. Ela pode ser fundada a partir de uma *contrainte* nova onde a criação será modelada, pode ser uma proposição nova de uma forma antiga e pode ser uma *interpretação* de uma *contrainte* conhecida (OULIPO 2009: 7).

Apesar dessas reuniões e das discussões acerca da criação e das restrições, o grupo começa a publicar sistematicamente trabalhos em que as *contraintes* se tornaram mais *temas* do que de fato restrições. Somente Jacques Roubaud continua a utilizar estruturas matemáticas. Por exemplo, partindo do tema “animais de pessoa”, Roubaud concebe poemas e textos com métricas e restrições matemáticas enquanto que os outros membros não matemáticos do grupo desenvolvem o tema de forma livre e, muitas vezes, seus trabalhos não apresentam nenhuma estrutura restritiva matemática (somente o tema “animais de pessoa”). Alguns desses textos podem ser encontrados no *Anthologie de l'OuLiPo* e nos fascículos vendidos nos encontros da BNF. Consideramos, portanto, que nesse terceiro momento o OULIPO perde seu caráter inovador e sua personalidade restritiva matemática, tornado-os somente lúdicos.

Os oulipianos combatem as críticas, salientando que, em seus encontros particulares, sempre buscam trabalhar com a literatura e com as *contraintes*,

tornando-os novamente *seriamente lúdicos*. Porém, preocupado com as críticas, e buscando resgatar os primórdios do OULIPO, Jacques Roubaud passou a convidar matemáticos como novos integrantes do grupo. No ano 2000, após assistir a uma conferência sobre Teoria de Números apresentada por Oliver Salon, Roubaud o convidou para os encontros e Salon acabou se tornando um dos membros mais ativos e participativos da atualidade. Em 2009, a matemática profissional e escritora Michèle Audin é convidada também por Roubaud para fazer parte do OULIPO. Audin, diferentemente de Salon que apesar de trabalhar com matemática não é um pesquisador, tem várias publicações no campo da Topologia Algébrica e vem se dedicando ultimamente à escrita de biografias de matemáticos célebres. Com isso podemos conjecturar uma nova fase vindoura do grupo, com novos membros e com novas possibilidades.

Porém, apesar da entrada de novos participantes matemáticos no grupo, apenas Jacques Roubaud ainda continua preocupado com a literatura potencial a partir das *contraintes* estritamente matemáticas. Consideramos, até a presente data, que nem Audin nem Salon conseguiram resgatar as inovações e estruturas matemáticas propostas pelo encontro de Le Lionnais e Queneau. Audin é escritora de biografias sobre matemáticos e Salon é mais um divulgador do OULIPO. Também, atualmente, não encontramos escritores célebres como Perec e Calvino, responsáveis pela difusão das novas possibilidades de escrita. Assim só Roubaud continua a publicar poemas, livros e textos literários ainda com o mesmo vigor e com questionamentos acerca da possibilidade e da potencialidade literária; tão importantes temas e estruturas presentes na época de Perec e Calvino. Só o futuro nos dirá se o OULIPO ainda poderá resgatar as inovações apresentadas em sua fase inicial e a grande produção e repercussão em sua *fase de ouro*, ou se caminhará, como em sua última fase, em direção a uma literatura e produção estritamente lúdicas.

THE CONTEMPORANEITY OF THE OULIPO

Abstract: The present article aims to describe different moments in the history of OULIPO, as well as its main members and how this group actually behaves in relation to its initial proposals. Throughout the text, the trajectory of the Oulipo is evidenced, from the consolidation of the group to the conscious and systematic application of mathematics as a basic structure of their *contrainte*. This article also presents a brief analysis of the work of three celebrated oulipiens - Italo Calvino, Jacques Roubaud and Georges Perec - and the playful approach of the Oulipo in the contemporaneity.

Keywords: Oulipo; History; Mathematics; Literature.

REFERÊNCIAS

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990a.

_____. *As cosmicômicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *O barão nas árvores*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999a.

_____. *O castelo dos destinos cruzados*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. *Porque ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. *Se um viajante numa noite de inverno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999b.

_____. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia da Letras, 1990b.

DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras, 1991.

FUX, Jacques. "A matemática em Jorge Luis Borges e Georges Perec: um estudo comparativo". Tese de Doutorado. Belo Horizonte: UFMG, 2010, 249p.

_____. *Literatura e Matemática: Jorge Luis Borges, Georges Perec e o OULIPO*. Belo Horizonte: Tradição Planalto, 2011.

JOLY, Jean-Luc. *Connaissance du monde. Multiplicité, exhaustivité, totalité dans l'œuvre de Georges Perec*. Thèse de doctorat sous la direction de Bernard Magné. Université de Toulouse Le Mirail. Avril 2004.

JOUET, Jacques. *L'homme de Calvino*. Europe, n. 815, mars 1997. Disponível em: <http://www.ouliipo.net/document16292.html>. Acesso em 07 fev. 2010.

LE TELLIER, Herve. *Esthétique de l'OULIPO*. Paris: Le Castor Astral, 2006.

MOREIRA, Maria Elisa R; FUX, Jacques. Uma rede que serve de passagem e sustentáculo. *Letras Hoje*, Porto Alegre, n.45, vol.2., 2010. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/7527>. Acesso em 23 mar. 2011.

OULIPO. *Anthologie de l'OuLiPo*. Paris: Gallimard, 2009.

_____. *Atlas de littérature potentielle*. Paris: Folio essais, 1981.

_____. *La Bibliothèque Oulipienne*. Paris: Editions Ramsay, 1987. v. 1.

_____. *La littérature potentielle*. Paris: Folio essais, 1973.

_____. *OULIPO Laboratory*. London: Atlas Anti Classics, 1995.

PEREC, Georges. *A vida modo de usar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *Palindrome*. In: OULIPO. *La littérature potentielle*. Paris: Folio essais, 1973. p. 97-102.

_____. *Perec entretiens et conférences II*. Editions: Joseph K./Centre National du Livre, 2003.

ROUBAUD, Jacques. *La Princesse Hoppy ou le Conte du Labrador*. Paris: Absalon, 2009.

ARTIGO RECEBIDO EM 16/02/2012 E APROVADO EM 01/03/2012.